

Narrativas de aulas de música na escola: relações entre afetividade, cognição e aprendizagem musical de crianças

GTE 11 - Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais

Comunicação

Andréa Matias Queiroz
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
andreamq@ufmg.br

Renato Tocantins Sampaio
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
renatots@musica.ufmg.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um recorte de uma pesquisa de Doutorado em Música realizada na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. O tema norteador trata das *relações entre afetividade e cognição e suas influências na aprendizagem musical* de crianças em aulas de música no contexto da escola regular. O referencial teórico está baseado na Psicologia Cognitiva buscando elucidar a compreensão de como as relações entre afetividade e cognição influenciam na aprendizagem musical de crianças. Tendo em vista que a pesquisa busca evidenciar as concepções e experiências das crianças, a abordagem narrativa e a *Arts-Based-Research* - ABR serão utilizadas como eixos metodológicos para a realização da pesquisa que terá como sujeitos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I matriculados em duas escolas localizadas na cidade de Brasília - DF. Pesquisas em Educação Musical que consideram as perspectivas e percepções sob a óptica das crianças têm demonstrado que suas práticas precisam ser melhor compreendidas. Assim, essa pesquisa pretende evidenciar nuances da aprendizagem musical das crianças, visando ampliar a reflexão acerca das suas percepções, interações e das suas formas de aprender e vivenciar a música na escola.

Palavras-chave: Cognição e afetividade; Ensino de música nas escolas; Narrativas com crianças.

Apresentando o tema de pesquisa

Este artigo trata-se do recorte de um projeto de pesquisa de Doutorado que tem como tema principal as relações entre afetividade e cognição e suas influências na aprendizagem musical de crianças em aulas de música no contexto da escola regular. A escolha do tema possui relação com a minha formação musical/acadêmica e com a minha atuação como professora de música da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental desde o ano de 2012 até os dias atuais. Durante a minha formação,

concomitantemente com a minha carreira profissional, tenho me inquietado com a forma com que as crianças aprendem de fato nas aulas de música e com as relações afetivas que elas estabelecem por meio das atividades musicais que vivenciam nesse contexto.

De modo recente, vários estudos têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva do desenvolvimento humano. Diversos estudiosos vêm defendendo que o afeto é indispensável para a aprendizagem do sujeito, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo, interesse e pela motivação, e que, portanto, é possível identificar e antecipar condições afetivas que possam facilitar a aprendizagem. Nesse sentido, é possível dizer que a emoção e os sentimentos são elementos constitutivos da dimensão afetiva ou da afetividade que, por sua vez, é o termo comum que dá significado ao conjunto de afetos que sentimos em relação a nós mesmos e aos demais, à vida, à natureza, entre tantos outros (LIMA, 2013).

No que diz respeito à música, aspectos afetivos como sentimento e emoção sempre estiveram relacionados à música e na aprendizagem musical, obviamente, não seria diferente. É comum ouvirmos pessoas dizerem que a música expressa emoções ou que é a linguagem da alma. Embora esses conceitos muitas vezes representem visões limitadas e equivocadas, alguns teóricos vêm estudando mais profundamente essa relação. Para Sloboda (2008), o significado que a música passa é algo relacionado aos estados emocionais que ela evoca ou traz à recordação.

No ambiente escolar, a música já é parte do cotidiano e está presente tanto nas aulas de música quanto em outros momentos como na hora da recreação, nas brincadeiras e rodas, ou na sala de aula como recurso de ensino de professores nos diversos momentos de aprendizagem. Essa presença constante da música faz com que o professor precise lidar com essa diversidade e descobrir novas maneiras de ir trabalhando os muitos aspectos que a música tem e traz para a vida escolar. Por outro lado, o engajamento das crianças com essas atividades musicais está relacionado com a maneira com a qual as crianças percebem a música e com o grau de envolvimento afetivo que elas estabelecem com as práticas musicais de modo geral. Por sua vez, a essas experiências abrangem o ato de fazer música, de envolver-se em atividades como cantar, tocar um instrumento, improvisar com a voz ou imitar sequências rítmicas ou melódicas (HARGREAVES; ZIMMERMAN, 2006).

Deste modo, partindo de observações realizadas durante minha atuação e da literatura da área da Educação Musical, proponho iniciar uma nova reflexão partindo do

seguinte pressuposto: Sabendo-se que as interações afetivas e cognitivas se tornam importantes para a aprendizagem musical das crianças e também são determinantes para suas formações, vale a pena refletir quais as experiências musicais que as crianças estão tendo na escola, quais vivências estão compondo as suas formações e como elas percebem e interagem com a música nesse contexto. Assim, com o intuito de apresentar um norte para a pesquisa apresento o seguinte questionamento: Como as relações e interações afetivas e cognitivas influenciam na aprendizagem musical de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir de suas próprias percepções sobre as aulas de música no contexto da escola regular?

Diante do exposto, na necessidade de voltar o olhar para as atividades musicais das crianças vivenciadas na escola, por isso trago como sujeitos de pesquisa alunos do 5º ano do ensino fundamental I matriculados em duas escolas da cidade de Brasília/DF, uma da rede privada e a outra da rede pública, configurando uma amostra de conveniência. A escolha das duas escolas não possui o intuito de fazer juízo de valor ou qualquer tipo de comparação no sentido de rotular ou julgar, mas de compreender diferentes contextos em que a música está presente. Além disso, a escolha das duas escolas também visa garantir que haja possibilidade de realizar a pesquisa de campo, tendo em vista que nos encontramos em período de pandemia em que as escolas da rede pública de Brasília encontram-se fechadas, tendo aula de modo remoto, e as escolas da rede privada vem ocorrendo de forma mista (presencial e remota).

Deste modo, tendo como base o intuito de trazer à tona a importância de se considerar a dimensão afetiva na promoção da aprendizagem musical da criança no ambiente escolar, proponho o estudo desse processo a partir da Psicologia Cognitiva e apresento a seguir algumas compreensões acerca dos conceitos, abrangência e sua relação e influência no que diz respeito à aprendizagem musical.

Afetividade e cognição: a psicologia cognitiva como um caminho de compreensão

A afetividade e a cognição se entrelaçam nas ações do dia a dia do indivíduo e são uma das bases de entendimento da aprendizagem humana em diferentes áreas. Assim, tendo como base o intuito de compreender como as relações entre afetividade e cognição

influenciam na aprendizagem musical de crianças no contexto escolar, a Psicologia Cognitiva se mostrou um caminho possível por se tratar de um arcabouço teórico que trata do modo como os indivíduos percebem, aprendem, lembram e representam as informações que a realidade fornece.

Entende-se que a Psicologia Cognitiva é uma área de conhecimento que se propõe em estudar como as pessoas são capazes de perceber, aprender, lembrar e pensar sobre determinadas situações da vida, ou seja, se propõe a estudar os processos mentais dos indivíduos. Corroborando com essa visão, autores como Bruner, Goodnow e Austin (1956) a consideram como um ramo na psicologia que trata do modo como os indivíduos percebem, aprendem, lembram e representam as informações que a realidade fornece. A psicologia cognitiva abrange como principais objetos de estudo a percepção, o pensamento e a memória, procurando explicar como o ser humano percebe o mundo e como utiliza-se do conhecimento para desenvolver diversas funções cognitivas como: falar, raciocinar, resolver situações-problema, memorizar, entre outras, ou seja, podemos tratar da psicologia cognitiva como o estudo dos processos mentais que motivam um determinado comportamento.

Em publicações mais recentes como no livro *Psicologia Cognitiva*, a escritora Margareth Matlin (2004) define a cognição como a capacidade para armazenar, transformar e aplicar o conhecimento, sendo um amplo leque de processos mentais. Isso explica porque esse campo de estudos é tão extenso, pois examina questões que vão desde atenção, memória, percepção, raciocínio e criatividade até aspectos como tomada de decisão e resolução de problemas, entre outras áreas.

Pode-se dizer também que tal perspectiva se concentra nos processos de pensamento e no comportamento que reflete esses processos. Esse ponto de vista abrange tanto teorias mecanicistas quanto teorias organicistas e tem sido base para pesquisas em muitas áreas, inclusive à música. Autores como Hargreaves e Zimmerman (2006) afirmam que a psicologia cognitiva procura investigar como as pessoas constroem modelos mentais de seus diversos mundos, inclusive do mundo musical, os quais lhes possibilitam desenvolver, planejar e expandir seus conhecimentos e compreensões sobre as coisas.

As mudanças de perspectiva ocorridas a partir da psicologia cognitiva geraram mudanças em diversas áreas. No que diz respeito à música, as pesquisas, que até então, privilegiavam um caráter de verificação e mensuração de habilidades, tomaram outro

interesse mais voltado para compreensão do desenvolvimento da aprendizagem. Este interesse derivou da possibilidade de se estudar o processo de aprendizagem musical através de recursos investigativos semelhantes aos utilizados pelos cognitivistas, ou seja, observando-se o comportamento da criança no decorrer de seus envolvimento com a música (HARGREAVES, 1986, p.15 apud PARIZZI, 2005).

Relações entre afetividade e cognição para a aprendizagem

Na história da psicologia, durante muito tempo as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico têm sido abordadas, de forma separadas. Ao longo do tempo, entretanto, foi possível perceber que esses dois aspectos são interdependentes, e que ocorrem de forma correlacionada sendo uma parte fundamental que constitui o ser psicológico completo. Essa tendência surge a partir da necessidade de superação de uma divisão dicotômica, a qual acaba fundamentando uma compreensão fragmentada do funcionamento psicológico do ser humano.

Nesse sentido, Marimón e Sastre (2010, p.22) reforçam essa relação dizendo que “emoções, sentimentos e pensamentos constituem um tecido intra e interconectado que se ativa de maneira simultânea”. Segundo Almeida e Mahoney (2007) a afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações relacionadas às nuances das experiências vividas, sejam elas mais ou menos agradáveis.

Deste modo, a afetividade é capaz de determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifestam dentro dele. Além disso, essa capacidade de ser afetado implica, direta ou indiretamente, no modo de aprender do ser humano. Esse aspecto não poderia ser diferente quando se refere a aprendizagem na infância, pois como explica Rossini (2012), as crianças devem ter a oportunidade de desenvolver sua afetividade e ter condições para que o seu emocional floresça. A autora ainda esclarece que a falta de afetividade no processo de aprendizagem pode gerar o desinteresse e a desmotivação, o que pode gerar prejuízos na aprendizagem.

Além disso, Almeida (2012), afirma que a afetividade e a inteligência não são imutáveis, ambas evoluem, são construídas no processo e se modificam ao longo de todo o desenvolvimento do ser humano. A autora esclarece ainda que na medida em que o

indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas, mostrando que esse processo é totalmente interligado e não deve ser tratado de modo isolado.

Na aprendizagem musical não é diferente, as interações afetivas e cognitivas influenciam de modo decisivo no processo da aprendizagem da música, interferindo em aspectos como interesse, participação e engajamento nas atividades. Além disso, como explicam Caetano e Gomes (2012), a música é uma forma de expressão, é manifestação de sentimento, um meio de comunicação existente na vida dos seres humanos.

Além disso, a música também evoca sensações e aprendizados que estão intimamente permeados pelas relações afetivas, seja com o meio, com o outro ou consigo mesmo. Assim, através da prática e percepção da linguagem musical, é possível proporcionar a expressão de emoções, ampliando a cultura e contribuindo para a formação total da criança.

Caminhos metodológicos: abordagem narrativa e *arts-based-research*

A abordagem metodológica deste projeto possui dois eixos norteadores que se integram e se complementam. O primeiro eixo está centrado na abordagem narrativa, cuja estrutura permite reconstruir as ações das pessoas em seus contextos, mostrando o lugar, o tempo, os motivos e os elementos que evidenciam momentos de suas trajetórias. Já o segundo eixo trata-se da Arts-Based-Research (ABR), que possui como base a utilização de metodologias de investigação que apresentam estratégias, percursos e produtos diferenciados envolvendo práticas artísticas e modos distintos de exposição dos resultados.

As duas abordagens metodológicas, de certo modo, contemplam o emergir da subjetividade e das peculiaridades da trajetória do sujeito, uma por meio da fala, da memória e a outra, por meio de uma ação ou produto artístico, mas ambas as abordagens exploram a capacidade do sujeito de reelaborar e externar suas experiências.

A narrativa é uma forma universal encontrada em todas as culturas, tem sido utilizada em diferentes tipos de problemáticas na pesquisa social, acompanhando o recente avanço dos estudos biográficos e o interesse generalizado por métodos que equilibrem as perspectivas micro e macro-sociais. Através das narrativas as pessoas expressam suas percepções, sua visão de mundo, as maneiras de interpretar os acontecimentos e também os conflitos que vivem. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p.91) “parece existir em todas

as formas de vida humana uma necessidade de contar”. Isto é, contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independente do desempenho da forma da linguagem é uma capacidade universal.

O estudo de narrativas vem conquistando uma nova importância nos últimos anos. A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação. De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002), as narrativas são ricas em colocações indexadas, uma vez que as referências nelas contidas remetem a acontecimentos concretos e detalhados de forma minuciosa, indicando lugares, tempos e experiências pessoais. A estrutura das narrativas é composta de um contexto e de acontecimentos sequenciais que terminam em um determinado ponto, além de incluir uma situação constituinte de ações humanas pontuais e objetivas. A estrutura que compõe as narrativas permite reconstruir as ações das pessoas em seus contextos, mostrando o lugar, o tempo, os motivos e os elementos que evidenciam as peculiaridades dos sujeitos.

No que diz respeito as pesquisas narrativas realizadas com crianças, Passeggi et al (2014), afirmam que a criança realiza, na ação de narrar, um processo de reflexão acerca das suas vivências. Para as autoras, seja em momento de brincadeiras ou no cotidiano escolar, através dos diferentes modos de narrar “as crianças vão ampliando seu repertório de visões de mundo, às vezes conflitantes, e por essa mesma razão vão se situando na coletividade e vão dando sentido ao que começam a entender por cooperação entre elas” (PASSEGGI et al, 2014, p. 99).

Já a ABR, cuja denominação “Pesquisa Baseada em Arte”, segundo Eisner e Barone (2012), teria sido criada por Eisner, em 1993, quando este ministrava um curso sobre formas de educação e pesquisa alicerçadas em concepções estéticas, se trata de um campo metodológico que traz em si uma forma de pesquisa destinada a aumentar a nossa compreensão sobre determinadas atividades humanas por intermédio de meios e processos artísticos. Segundo Oliveira e Charreu (2016, p. 372), “é um tipo de investigação de orientação qualitativa que utiliza procedimentos artísticos, sejam estes literários, cênicos, visuais ou performativos”. Segundo os autores, esse tipo de metodologia pode desvelar aspectos da experiência do sujeito que não são visíveis em outro tipo de investigação.

De forma mais aprofundada, Diederichsen (2017) explica que esse tipo de pesquisa surgiu a partir da necessidade de alguns pesquisadores nos contextos acadêmico e escolar, de produção, aprofundamento e legitimação de formas de pesquisa que, “por utilizarem

linguagens artísticas e abordagens estéticas, permitem tecer e mostrar olhares, relações e potencialidades que permaneceriam invisibilizadas em outras formas de investigação” (DIEDERICHSEN, 2017, p. 520). Tais práticas pressupõem o uso de linguagens artísticas como as visuais, performáticas, literárias ou musicais, nos processos investigativos, nas reflexões, bem como na forma de apresentação da escrita, das apresentações e dos relatos da pesquisa.

No que concerne às pesquisas realizadas com crianças, é importante destacar a dimensão criativa conferida pela criança no contato com as informações do mundo adulto. Tanto na perspectiva da narrativa quanto na ABR, às ações e narrações produzidas pelas crianças acerca de suas maneiras de compreender a vida, de conviver com os outros, de perceber as suas próprias experiências, despertam nosso interesse e se configuram num precioso objeto de estudo, buscando evidenciar o seu jeito de estar no mundo, a partir de uma determinada perspectiva que, no caso desta pesquisa, está relacionada às relações entre afetividade e aprendizagem musical.

Considerações finais

Este artigo buscou mostrar um recorte de uma pesquisa de doutorado em música que tem como objetivo compreender como as relações entre afetividade e cognição influenciam na aprendizagem de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir de suas próprias percepções sobre as aulas de música no contexto da escola regular. Além disso, as proposições trazidas até o momento convidam a considerar uma forma de pesquisar as crianças buscando compreender seu desenvolvimento musical no âmbito escolar, através de suas próprias percepções, interações e fazeres artísticos, já que tradicionalmente, as práticas musicais das crianças são entendidas sob a óptica dos adultos, sem considerar que as crianças podem ter uma compreensão diferente sobre a música.

Nesse sentido, corroborando com os autores citados no decorrer do artigo, acredito na necessidade de voltar o olhar para as atividades musicais vivenciadas pelas crianças na escola, buscando destacar como as relações entre afetividade e cognição influenciam no processo de aprendizagem musical a partir de suas próprias percepções e visões sobre esse processo, pois, compreender o que elas pensam e como interagem com as experiências musicais na escola também pode nos trazer uma nova perspectiva de como essas práticas

vêm acontecendo e quais os seus impactos na vida e desenvolvimento dessas crianças. Tendo em vista que muitas vezes essas atividades são feitas de forma que não priorizam as particularidades, necessidades e interesses das próprias crianças, emerge a necessidade de buscar uma compreensão que ajude a contribuir com as pedagogias musicais vivenciadas no espaço escolar.

Referências

ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. (org.) *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CAETANO, Mônica Cristina, GOMES, Roberto Kern. A importância da música na formação do ser humano em período escolar. *Educação em Revista*, Marília, v. 13, n. 2, p. 71-80, Jul.-Dez., 2012.

DIEDERICHSEN, Maria Cristina Ratto. Pesquisa baseada em arte - criação poética desviante: contribuições de Jan Jagodzinski. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26. 2017, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPAP, 2017 p. 519-532.

EISNER, Elliot; BARONE, Tom. *Arts based research*. Los Angeles, 2012.

HARGREAVES, David; ZIMMERMAN, Marilyn P. Teorias do desenvolvimento e da aprendizagem musical. In: Ilari, Betriz (Org.). *Em busca da mente musical*. Ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção. Curitiba, Editora da UFPR, 2006, p. 231-269.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LIMA, Thaís Campo. *Música, afetividade e interação professor – aluno*. TCC (Licenciatura em Música), Centro de Letras e Artes, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

MARIMÓN, Montserrat M.; SASTRE, Genoveva. *Cómo construimos universos: Amor, cooperación y conflicto*. Barcelona: Gedisa, 2010.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; CHARREU, Leonardo Augusto. Contribuições da perspectiva metodológica “Investigação baseada nas artes” e da a/r/tografia para as pesquisas em educação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 365-382, 2016.

PARIZZI, Maria Betânia. *O canto espontâneo da criança de três a seis anos como indicador de seu desenvolvimento cognitivo-musical*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado – Escola de Música da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

ROSSINI, M. A. S. *Pedagogia afetiva*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SLOBODA, John. *Exploring the Musical Mind: cognition, emotion, hability and function*. New York: Oxford University Press, 2005.